

O DISCURSO DA MODERNIDADE NA IMPRENSA FEMININA BRASILEIRA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Vanessa Pinto Rodrigues Farias ¹
Antonia Lis de Maria Martins Torres ²
Jarles Lopes de Medeiros ³
Patrícia Helena Carvalho Holanda ⁴

RESUMO

O discurso da modernidade repercutiu transformações que influenciaram aspectos políticos, sociais e culturais de diversos países ocidentais. No Brasil, esse discurso permitiu que as mulheres ocupassem novos espaços na sociedade patriarcal e misógina, especialmente nas áreas da docência, da escrita e do jornalismo, nas primeiras décadas do século XX. Contudo, a liberdade alcançada era parcial, uma vez que ainda tinham que lidar com estereótipos e expectativas dos outros e conciliar trabalho com as responsabilidades familiares. Assim, delineia-se o contexto pelo qual se interessa essa pesquisa, que tem como objetivo analisar os discursos direcionados às mulheres na imprensa feminina da primeira metade do século XX, com a finalidade de: 1) caracterizar as identidades que se buscava construir e 2) verificar se há relação entre as representações de feminilidade criadas, o contexto educacional e o avanço do capitalismo no Brasil. A pesquisa adota a História da Educação Comparada enquanto método (Arantes; Queluz, 2018) e na Análise do Discurso (Fairclough, 2001); nos estudos de Roger Chartier sobre Representações (1990, 2006); no Dicionário Ilustrado “Imprensa feminina e feminista no Brasil”, volume 2, de Duarte (2023) e em duas revistas selecionadas como corpus de análise: Revista Feminina (1914-1936), de São Paulo, e A Estrella (1906-1921), de Aracati. O estudo dialoga ainda com as contribuições de Berman (1998), Buitoni (2009), sobre imprensa feminina brasileira. O estudo verificou que os discursos femininos visavam formar mulheres fortes, leitoras, belas e múltiplas, vendo-as capazes de dar conta das funções de esposa, mãe, dona de casa e trabalhadora, além de apontar quais necessidades, projetos e desejos que uma mulher no novo século deveria ter, sem abrir mão de valores conservadores e religiosos.

Palavras-chave: Representações, Mulheres, Feminino, Imprensa, Educação.

INTRODUÇÃO

Para fins de estudo, pretendemos enfatizar algumas tensões nos campos educacional e histórico, numa perspectiva comparada, observadas durante o processo inicial da pesquisa de doutorado que trata das representações femininas nos periódicos brasileiros e portugueses na primeira metade do século XX. Neste artigo, procuramos alinhar aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais, colocando no centro do debate o discurso da modernidade, que, nesse período, está relacionado ao

¹ Doutoranda em Educação, pela Universidade Federal do Ceará- UFC, vanessacriativa@gmail.com;

² Doutora em Educação, Universidade Federal do Ceará - UFC, lisdemaria@multimeios.ufc.br;

³ Doutor em Educação, Universidade Estadual do Ceará- UECE, jarlles@hotmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal do Ceará- UFC, patricia.holanda@ufc.br.



avanço do capitalismo e ao desenvolvimento das metrópoles, sendo a educação tomada como aliada no processo de formar os cidadãos e as cidadãs da recém-República brasileira. E quem vai materializar essa concepção será justamente a mulher, que passa a ser vista como educadora da nação.

A imprensa, nesse contexto, era um espaço alternativo de instrução. Por isso, muitas mulheres da classe média e da elite encontraram liberdade para publicar na imprensa no final do século XIX, abrindo espaço para muitas outras e para o surgimento das revistas femininas e feministas nas décadas seguintes. Com isso, resta saber: como o discurso da modernidade no contexto do avanço do capitalismo e do desenvolvimento da educação reverberou nas opiniões expressas nas revistas femininas da primeira metade do século XX, no Brasil?

Para contribuir com esse debate, escolhemos duas revistas do período em questão, *Revista Feminina* (1916-1936) e *A Estrella* (1906-1921), a fim de analisar alguns discursos de mulheres na imprensa feminina da primeira metade do século XX. Para tal, traçamos os seguintes objetivos específicos: caracterizar o discurso da modernidade dentro do contexto do início do século XX; explorar a representação da mulher na imprensa feminina da época e como isso refletia as mudanças sociais e culturais do Brasil; analisar os discursos em torno da mulher na *Revista Feminina* (1914-1936) e na revista *A Estrella* (1906-1921); analisar como a imprensa feminina reproduziu o discurso da modernidade e contribuiu para a formação das mulheres; verificar se há relação entre as representações femininas criadas, o contexto educacional e o avanço do capitalismo no Brasil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota a História da Educação Comparada, porque: 1) a comparação permite uma visão ampla do objeto de pesquisa, entendendo as influências e os impactos causados pelas mudanças sociais que acontecem em larga escala; 2) a Educação Comparada permite uma análise profunda dos sistemas educacionais, não necessariamente comparando um com outro, mas adentrando os elementos que os compõem, como sujeitos, práticas, políticas, teorias, a depender do foco da pesquisa; 3) porque nos interessa a história das mulheres e esta está associada tanto ao desenvolvimento da educação como à dinâmica de produção e de mercado do capitalismo moderno.



Desse modo, a conjugação da metodologia comparada e histórica é assertiva para estudar as mudanças sociais em larga escala, como no caso da globalização. “A comparação fornece informações mais interessantes que as resultantes de uma leitura num só contexto, quando rigorosamente efetuada, a leitura dos aspectos comuns das diferenças relativas de um problema é melhor que termos uma só visão” (Arantes; Queluz, 2018, p. 2).

Quanto à análise dos discursos presentes nas revistas femininas, adotamos a perspectiva teórico-metodológica de Norman Fairclough (2011), pelo fato deste apresentar uma teoria de fácil aplicabilidade em qualquer campo do conhecimento que considera a relação entre as práticas discursivas e práticas sociais. O autor propõe uma análise do discurso crítica e social, reunindo a análise do discurso que tem a linguística como centro, o pensamento social e político, na forma de quadro teórico que é útil na pesquisa científica social e, principalmente, à análise das mudanças sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem que realizamos tem como foco a História Cultural, uma vez que esta tem como objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p. 16). Nesse sentido, Gilddens (2008) defende que “não podemos separar as nossas ações locais de contextos sociais mais amplos que se estendem pelo mundo”, especialmente, no contexto de globalização que intensificou a interdependência e as relações sociais a nível mundial” (p. 51). Nesse âmbito, Medeiros e Jucá (2019) apontam que a transdisciplinaridade do campo permite estudar uma cultura considerando também os impactos que as civilizações exercem mutuamente.

As noções de “práticas” e “representações”, na concepção de Roger Chartier, consideram que as práticas discursivas apreendem e estruturam representações sociais, capazes de produzir objetos culturais e também tipos de sujeitos, isto é, cada grupo social cria suas próprias práticas e representações, de acordo com os seus interesses (Chartier, 2006).

As obras *Imprensa feminina e feminista no Brasil- Século XIX* (2017) e *Imprensa feminina e feminista no Brasil- Século XX* (2023), que consistem em dois dicionários ilustrados, de autoria de Constância Lima Duarte, deram suporte à pesquisa que resultou nesta produção. A doutora em Literatura Brasileira, na primeira obra, nos



apresenta um total de 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas do século XIX; na segunda obra, apresenta 100 periódicos, situados entre 1900 e 1949.

A pesquisa da jornalista Dulcília Helena Schoroeder Buitoni (2009), intitulada *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*, observou ao longo da história da imprensa feminina que padrões e tendências foram se delineando por causa da influência da mídia impressa especializada. Após analisar revistas em três séculos, a autora conclui que em todas as épocas elas apresentavam um discurso paradoxal implícito que, por um lado, tenta abrir brecha para a libertação de padrões e, por outro lado, contribui para a construção de imagens dominantes, de modo que a mulher ainda tem muito o que fazer para deixar de ser representação para ser realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre imprensa feminina, educação e capitalismo

A modernidade assume múltiplas formas ao longo do tempo, a partir do século XVI, quando surgem mudanças sociais como Mercantilismo, Reforma, Contrarreforma e a ascensão da burguesia, o que fornece as bases para o sistema capitalista. A modernidade do século XIX, por sua vez, gira em torno das revoluções contra o regime absolutista, que tem como marco a Revolução Francesa. Já a modernidade iniciada a partir do século XX tem como marca a modernização por meio das indústrias, a centralidade das metrópoles e o assentamento das principais instituições das sociedades modernas, como escola, família burguesa, empresas, fábricas, prisões, manicômios. Em todas as fases, a racionalidade normativa da modernidade, estrategicamente, aprofunda as contradições e as dualidades, naturalizando o combate e institucionalizando a guerra do “bem” contra o “mal” (Berman, 1998).

O lema impresso na bandeira da república brasileira não esconde o projeto de modernidade para a nação: ordem e progresso. A inspiração positivista preconiza a ordem social no sentido de garantir a igualdade social e evoluir a nação em termos materiais e intelectuais. Tais ideais seriam excelentes, se não fosse o fato desse projeto não promover a igualdade social, de gênero, racial, mas legitimar e aprofundar as contradições, consequências que não tardaram a aparecer na sociedade.

A tônica da modernidade ganha força dentro do contexto do capitalismo e aliando-se tornam-se inseparáveis, segundo a concepção marxiana, uma vez que o



capitalismo já nasce alinhado à lógica civilizatória da modernidade. Assim, na sociedade industrializada, tudo e todos viram produtos, para obtenção de lucro, inclusive, o conhecimento, a arte, o trabalho informal, as experiências humanas (Berman, 1998). Inclusive, a produção em larga escala de jornais no século XX foi propiciada pela revolução industrial, que inovou a forma de fazer jornalismo a partir de novos instrumentos e aperfeiçoamento da fotografia.

A escola, por sua vez, teve papel crucial e contraditório, se encarregando de formar homens, mulheres e crianças republicanos/as, mas tendo formações diferenciadas a depender da classe, do gênero e da raça/cor. A educação da mulher era limitada, sendo oferecido-lhes um ensino elementar, cujo foco eram as instruções para ser uma boa esposa e mãe. Porém, mesmo insuficiente, ele será útil à emancipação feminina, pois por ele acontecerá o acesso à informação, ao desenvolvimento do pensamento crítico e ao mercado de trabalho.

De acordo com Duarte (2023), como produto da modernidade, as revistas femininas se tornam reflexo e ao mesmo tempo agentes de mudanças influenciando comportamentos e representações. As mulheres passaram a ser vistas como consumidoras em potencial, a feminilidade passou a ser vendida como um ideal a ser alcançado e as revistas serviam para difundir as necessidades de consumo e modelar comportamentos.

Discursos em torno da mulher na Revista Feminina- SP (1914-1936)

Entre as revistas de trajetória mais sólidas do século XX está a Revista Feminina, de São Paulo, que possuiu três diretores ao longo dos seus vinte e dois anos de circulação. Sua fundadora foi Virgínia de Souza Salles, que dirigiu de 1914 a 1919. Após seu falecimento, seu marido, João Salles, assume a direção até 1925, sendo sucedido pela filha do casal, que ficou à frente do empreendimento até 1936 (Duarte, 2023).

De acordo com Duarte (2023), a revista, que inicialmente era apenas um folheto da Empresa Feminina Brasileira, para divulgar produtos de beleza, romances e livros de receita, em pouco tempo virou revista de tiragem mensal, passando de 15 mil exemplares para 30 mil. A autora associa tal prestígio social às estratégias adotadas: 1) envio de edições gratuitas para possíveis assinantes; 2) publicação dos trabalhos de bordados das assinantes; 3) remuneração para quem publicava; e 4) influência de



Cláudio de Souza, filho da fundadora, que era médico, dramaturgo e membro da Academia Brasileira de Letras (Duarte, 2023).

Em 1917, a cronista Berenice Vieira estava preocupada com o que as moças estavam lendo e defende a Revista Feminina como a genuína leitura do lar:

Não são as mulheres que arruinam o mundo, são os publicistas que arruinam as mulheres e o lar.

São eles que criam às centenas e aos milhares os “incompreendidos” e os “insatisfeitos”, os que se lastimam de não ter “sorte”, de não verem aproveitadas suas aptidões, que geralmente são nulas, e os que seriam capazes de fazer um mundo melhor.

São eles que criam as mulheres que rejeitam os livros de cozinha e os jornais de costura, que sonham com a vida brilhante e que não querem ter filhos. [...] Deveis, pois, mães de família, muito pesar o que dais a ler às vossas filhas, pois na brochura elegante, na ilustração pomposa, no panfleto de passo leve, pode ir escondida a traça daninha, que imperceptivelmente irá roendo os corações e os cérebros de vosso lar...Tendes na Revista Feminina a verdadeira leitura do lar (*Revista Feminina*, São Paulo, ano IV, n. 32, p. 26, jan. 1917 *apud* Duarte, 2023, p. 149).

Na edição de maio de 1917, acervo da Hemeroteca Nacional, a cronista Margarita B. escreve “conselhos de bom tom” para melhorar a vida social, criticando hábitos desagradáveis que ela observara daqueles tempos: 1) o uso do palito por senhores e senhoras, informando que tal costume estava abolido em todas as mesas elegantes: “*Si é feio vêr um homem de bocca aberta, a escavar os dentes, imaginem o effeito desagradável que isto causa, quando se trata de uma senhora, e principalmente por uma moça vestida pelo último figurino [...]*”; 2) falar alto, o que considera um ato deplorável de muitos brasileiros: “*Ninguém tem o direito de incomodar o seu visinho. E sabe Deus o supplicio que soffre quem está num quarto visinho de hotel e ouve uma ‘papagaiada’ no quarto visinho [...]*”; 3) Da perturbação do repouso alheio, quando incomodam os hóspedes em hotéis pisando duro e forte no chão, batendo porta, arrastando móveis e deixando os sapatos caírem violentamente no chão, tudo isso só para incomodar o vizinho; 4) As crianças, que, com a convivência das mães, fazem dos hotéis *um ground de foot-ball*, coisa que, segundo ela, não acontecia na Europa, onde tinha regulamento para acesso de crianças nos hotéis, e acrescenta: “*Não devemos ser assim. A má educação de nossos filhos recáe sobre nós mesmas. Com a nossa aprovação endossamos seus actos e damos a nosso lar uma expressão publica que o deprime*”; 5) Nos veículos públicos, o hábito dos cavalheiros de ceder o lugar nos bondes para as damas estava desaparecendo, pelo motivo de as mulheres não agradecerem a gentileza, pelo contrário “*Tomavam o lugar que lhes era offerecido,*



No texto de Margarita B., o que não está explícito, mas podemos inferir através dele, é que quem escreve pertence a uma classe social alta, pelas comparações com hotéis da Europa, o que sugere que é uma mulher que costuma viajar para dentro e fora do país, tendo o privilégio de poder se hospedar em hotéis. Ademais, seu discurso está pautado numa oposição entre masculino e feminino, que considera a mulher culpada e o homem vítima, para o homem é feio palitar os dentes, para a mulher mais ainda, e as crianças se comportam mal, porque as mães não as educam bem, como se o pai não tivesse lugar na educação dos filhos.

A beleza foi tema de destaque na Revista Feminina. A pesquisa de Soares e Barros (2014) contribui, nesse sentido, fazendo análise da série dessa revista “A Arte da Belleza”, que foi publicada durante quatorze meses entre 1920 e 1921, propagando que a beleza da mulher é uma arte de exercício contínuo e que tem seu preço, logo, a beleza poderia ser alcançada ao utilizar determinados produtos e adquirindo comportamentos específicos (que tornavam a mulher mais bela). Com isso, a série atendia a dois propósitos: o de propagar a lucratividade e a modernidade higiênica. De acordo com Dulcília Buitoni (2011, p. 43), “Essa publicação foi o exemplo mais perfeito da vinculação imprensa/indústria/publicidade, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje ingênua, mas muito eficaz na época”.

A Estrella foi uma ousada revista literária feminina que surgiu em Barurité, interior do Ceará, em 1906, fundada por Antonietta Clotilde, aos 16 anos, e a prima Carmem Taumaturgo, com o objetivo de “ateiar nos corações juvenis a sentelha do bem que dimana da **Religião**, despertar o amor pelo estudo, exaltar as glórias da **Pátria** (...)”,



consagrar o maior esforço á propagação das **idèas regeneradoras**” (*A Estrella*, Aracati, outubro de 1909, n. 82, p. 1, *apud* Almeida, 2009, p. 3, grifo nosso).

Na cidade de Baturité, a revista literária funcionou por dois anos, e, depois, com a mudança da família de Antonietta Clotilde para a cidade de Aracati, a revista é instalada nessa cidade, quando ela assume a empresa como única redatora, mas contando com a colaboração e prestígio de sua mãe, Francisca Clotilde, a qual teve expressiva atuação na educação, imprensa, literatura e luta abolicionista, no século XIX e XX. Enquanto sua mãe instalava na cidade uma escola mista, o Externato Santa Clotilde, ela deu continuidade ao projeto da revista, assumindo agora como principal redatora, mas tendo também a colaboração da mãe nessa empresa (Farias, 2019).

A revista circulou por quinze anos sem trazer nenhuma propaganda, se mantendo somente pelas assinaturas de seus leitores e a rede de assinantes da revista em diversas cidades teve como ponte Francisca Clotilde, que era “uma mulher próxima de intelectuais reconhecidos e pessoas de projeção social que prescreviam leituras em seus lugares” (Almeida, 2008, p. 63).

Almeida (2016), ao tratar dos impressos e jornais que circularam em Fortaleza no início do século XX, destaca que a cidade não escondia a cobiça do que vinha de Paris, o que ela chama de emblemas de uma cidade imaginada, de um lugar que, ao mesmo tempo buscava uma identidade, mas não tirava o olho dos padrões franceses. Com isso, ela aponta que a representação da mulher nesses meios ressaltava a beleza do “belo sexo”. E, assim, a revista fundada por Antonietta Clotilde, no interior do Ceará, também aspirava aos padrões franceses de como uma mulher deveria ser, o que se observa nas fotografias enviadas pelas assinantes para publicação. Contudo, não era comum na revista textos defendendo a moda, pelo contrário, criticavam a moda e a vaidade.

Nesse período, Paris era modelo tanto para o desenvolvimento quanto para a representação do “belo sexo”. Ademais, inspirava a emancipação feminina, cujas lutas femininas ressoavam através das páginas d’A Estrella.

Em muitas cidades adiantadas e na capital da moda progride o feminismo e cogita-se com o máximo interesse da questão de serem dados a mulher os mesmos direitos que a política, a moral e a sociedade facultam ao homem. [...] Nós que temos o mesmo ideal alegremo-nos em ver a mulher tomando parte activa nas honrosas paginas da imprensa presta valioso concurso às boas causas e pode trabalhar pelo desenvolvimento da Pátria, movendo sabiamente a grande força que a nada resiste (*A Estrella*, agosto de 1910, p. 1 *apud* Avilla, 2007, p.70).



Outro aspecto relevante é quanto ao entendimento da mulher não somente como mãe e esposa, pois era frequente a mulher surgir independente, autônoma, sozinha e sendo adjetivada como “inteligente” e “colaboradora”, sobressaindo suas características intelectuais. Mesmo assim, eram raras as aparições de mulheres com livro nas mãos, pois “A Estrella enquadra a mulher que ela gostaria de representar, inteligente, colaboradora e, ao mesmo tempo, um ser dócil, decorativo e agradável” (Almeida, 2009, p. 8).

A carta de Angélica Augusta Vieira, na ocasião do aniversário de dez anos da revista, nos traz importante material, revelador da opinião feminina veiculada nessa mídia, pois a autora tece elogios a empresa por ir contra a ideia que ainda vigora de que a mulher não consegue levar adiante uma ideia sequer e defende que a única diferença que existe entre o homem e a mulher é a educação diversa que é ministrada aos dois sexos desde a infância (*A Estrella*, outubro de 1916)⁵.

A Estrella corroborou para a emancipação feminina, dando protagonismo às mulheres, assim como defendia para elas direitos iguais na sociedade, mostrando a possibilidade de conciliação entre o trabalho dentro e fora do lar, as funções de esposa, mãe e profissional. Almeida (2006), nesse sentido, considera que as precursoras no periodismo feminino oscilavam entre tradição e modernidade em relação à condição feminina, passando a assimilar papéis que se sobrepunham.

Em entrevista, a neta de Antonietta Clotilde, Ronsângela Ponciano, na ocasião da pesquisa de mestrado de Farias (2019), relata que foram as dificuldades financeiras que fizeram com que a revista deixasse de circular em 1921 e, anos mais tarde, o Externato Santa Clotilde, que também encerrou suas atividades em 1935.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar os discursos produzidos por e para mulheres na imprensa feminina da primeira metade do século XX. Tais análises foram fundamentadas na Análise do Discurso, tendo como referencial Norman Fairclough (2011). Realizou uma abordagem que tem como base a História da Educação Comparada, ancorada na História Cultural, por entender que essas conjugações permitem uma melhor visão do nosso objeto de pesquisa e observá-lo não como um fato

⁵ Tivemos acesso a essa e outras edições da revista A Estrella, por meio da neta de Antonietta Clotilde, em 2019, durante pesquisa de campo, na ocasião da pesquisa sobre a prática pedagógica de Francisca Clotilde no Externato Santa Clotilde.



isolado, mas como impactado por transformações sociais e culturais que ocorrem em nível nacional e internacional.

A pesquisa partiu da questão norteadora: como o discurso da modernidade no contexto do avanço do capitalismo e do desenvolvimento da educação refletiu nas opiniões expressas nas revistas femininas da primeira metade do século XX, no Brasil? Tal problema motivou os seguintes procedimentos, na tentativa de respondê-la, a partir das nossas delimitações, métodos e fundamentações teóricas. São eles: 1) Fazer o levantamento e análises das fontes e referencial bibliográfico; 2) Discutir o conceito de modernidade ao longo da história; 3) Discutir a relação entre as representações femininas, o contexto educacional e o avanço do capitalismo no Brasil; 4) Explorar como a mulher era representada na *Revista Feminina* (1914-1936) e na revista *A Estrella* (1906-1921); e 5) Analisar como o discurso da modernidade esteve presente nas fontes.

Em relação aos resultados, considera que emancipação feminina e identidade de gênero eram temas controversos na primeira metade do século XX, pois nas revistas analisadas apresentam-se discursos femininos tanto contra como a favor. No entanto, embasados no referencial teórico consultado, avalia que esses discursos foram fortemente contagiados pelos modelos de mulher já existentes, porque, as transformações emergentes no início do século não anulam o fato da sociedade ser patriarcal, cujo sistema considera a mulher inferior e submissa ao homem, sendo-lhe negados direitos de igualdade de gênero, o que faz com que construam nesse meio representações de mulheres modelos para a sociedade, numa perspectiva tradicional, como no caso da *Revista Feminina*, que difundia padrões de comportamento conservadores e repudiava as ativistas mais exaltadas.

Por outro lado, modelos mais revolucionários também se fizeram presente nos veículos femininos, como n'A *Estrella*, cuja ênfase é na mulher intelectual e na sua educação. Embora *A Estrella* também tenha representado o "bello sexo" nas fotografias publicadas, era mais desprendida do ideal de beleza, apresentando-se em alguns textos contra a moda, a vaidade e exaltando muito mais a intelectualidade feminina, o que resulta numa contradição, ao observar que as imagens das assinantes estampadas nas capas da revista aderem ao modelo francês de vestimenta, adereços e comportamentos. Verificou-se também que durante sua circulação, a revista cearense não trabalhava com anúncios de produtos e comércios, se mantendo somente com a renda das assinaturas, se consolidando como um órgão educativo; ao contrário da *Revista Feminina*, que já surge



com o intuito de vender produtos para o público feminino, sendo as suas páginas repletas de anúncios de venda, sobretudo de produtos de beleza.

Ademais, compreende-se que essa mídia não é representativa de todas as mulheres, tendo em vista que é um grupo diverso e separado por questões de classe, raça/cor e gênero. As produtoras dos periódicos femininos eram mulheres da classe média e da elite, que emitiam suas opiniões a partir do seu lugar na sociedade.

Portanto, os discursos presentes nas revistas analisadas estavam alinhados ao projeto modernizador das cidades e à preocupação com a formação conservadora feminina, que, nesse momento histórico, iniciava a sua emancipação ocupando lugares que antes não era possível. A imprensa, como um desses lugares permitidos para a mulher do início do século passado, deu voz a essas mulheres, mas essa voz, no geral, reforçou modelos de comportamentos femininos já existentes. Por outro lado, entendemos que, se era relevante falar sobre isso significa que o oposto existia, havia as contraventoras que iam contra a moral e os bons costumes, à civilidade, à normalidade, tanto que, da década de 1920 em diante, surge, no Brasil, o movimento de mulheres modernistas que eram nada conservadoras, consideradas extravagantes, radicais e excêntricas e, mais adiante, as revolucionárias feministas, na segunda metade do século XX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A. **Os sentidos das aparências: invenção do corpo feminino em Fortaleza (1900-1959)**. 2016. 369 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ALMEIDA, L. A. Revista A Estrella (1906-1921): meninas e mulheres contracenam em um álbum de virtudes e modelos. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009. Disponível em: 20 set. 2025.

ALMEIDA, L. A. **Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)**. 2008. 273f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2911>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ALMEIDA, L. A. **A Estrella: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista (1906-1921)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

ARANTES, M. G. R; QUELUZ, L. C. de. **Educação Comparada: abordagem histórica, possibilidades e limites**. 2018. Disponível em: http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Margareth-Gomes-Rosa-Arantes_-Lara-Cristina-de-Queluz.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.



ÁVILA, S. M. **A construção da subjetividade feminina na obra literária de Francisca Clotilde, Emília de Freitas e na revista “A Estrella” (1899 -1921).** 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em História)- Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2838/1/2007_SimoneMoreiraAvila.pdf. Acesso em: 10 dez. 2017.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BITTONI, D. S. **Mulher de papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. A Nova História Cultural existe? *In:* LOPES, A. H.; VELLOSO, M.P.; PESAVENTO, S.J. **História e Linguagens:** texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** Século XIX: Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2017.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** Século XX-1900-1949: Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2017.

GIDDENS, A. **Sociologia.** 6. ed. Tradução de Alexandra Figueredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

FARIAS, Vanessa Pinto Rodrigues. **A prática pedagógica de Francisca Clotilde na educação de Aracati.** 2019. 160f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MEDEIROS, J. L. de.; JUCÁ, G. N. M. Itinerários metodológicos de pesquisa: uma abordagem transdisciplinar. **Plures Humanidades.** Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/393/328>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Fontes

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Revista Feminina** (São Paulo) - Edição de maio de 1917. Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=212547&id=5960402396356&pagfis=171>. Acesso em: 10 jul. 2018.

A ESTRELLA (Edições diversas). Aracati. Acervo pessoal de Rosângela Ponciano.

